

1926-2018 Livre. A palavra define Pomar, o homem e o artista, livre para inventar uma obra de incessantes mudanças, sucessivas maturidades que nunca geraram cristalização. Livre, morreu aos 92 anos

Júlio Pomar

José Luís Porfírio

O meu primeiro encontro com a obra de Júlio Pomar é muito fácil de situar e data de há muito tempo. Teria eu seis ou sete anos quando os meus pais me deram um livro chamado “Bichos, Bichinhos e Bicharocos”, poemas de Sidónio Muralha, capa e ilustrações de Pomar (1949). Gostei logo dele, de alguns textos e de todos os bonecos com especial carinho pelo cão igualzinho à Nai, uma espécie de ama que tive nos meus primeiros anos de vida, a primeira de uma série de amigas e amigos de quatro patas.

Mais difícil é saber qual o encontro mais recente: O Gadanheiro, esse poderoso ícone que de algum modo ultrapassa o neorrealismo por dentro anunciando uma escrita mais autónoma na pintura de Pomar, que se pode ver agora na excelente exposição do Museu do Chiado? As mais recentes exposições no seu Atelier Museu na política, sensível e inteligente, de cruzar obras e artistas de gerações bem diferentes separadas por vinte, trinta e até sessenta anos, sempre com resultados surpreendentes, sempre com a presença inquieta e viva do dono da casa? Lembro especialmente aqui a exposição do ano passado com Pedro Cabrita Reis, porque Pomar participou com obra recente, desse mesmo ano, no diálogo com o seu colega.

Essa relação especial de estímulo e cumplicidade com os colegas pintores foi nalguns momentos decisiva; não quero esquecer aqui quão importante Pomar

foi para o “renascer” do gosto de pintar de um artista mais velho, o António Dacosta, companheiro parisiense que Pomar estimulou com amizade, admiração e também com escritos notáveis de entendimento e lucidez.

A sua obra revela um trabalho incessante entre a década de 40 do século XX e a segunda década do XXI em que vivemos. Pomar apareceu muito novo, o Almada comprou-lhe um quadro em 1942, quando Pomar tinha 16 anos e andava na António Arroio. A encomenda do fresco para o cinema Batalha do Porto foi em 1946. Diogo de Macedo adquiriu-lhe uma pintura para o Museu de Arte Contemporânea suponho que em 1949. A esse reconhecimento dos



Autorretrato do pintor na capa do Atual

seus pares mais velhos e de olho certo junta-se outro bem mais perigoso, o da polícia política que o prende em 47 e, no mesmo ano, lhe apreende obras na 2ª Exposição Geral de Artes Plásticas um salão na Sociedade Nacional de Belas Artes onde confluíam artistas cujo principal traço comum era a oposição à ditadura.

Singularmente a perseguição política vai ser um estímulo para o artista, um estímulo ético e existencial sem dúvida, pois, ao vetar-lhe o ensino que era o tipo de carreira habitual e possível para os artistas da sua geração, vai estar na base de uma poderosa luta pela independência e pela sobrevivência como artista plástico. Assim, Pomar foi ilustrador, ceramista e gravador num percurso em que a sobrevivência e a construção de uma obra andavam a par, num duplo combate que amplamente venceu em ambos os terrenos: o da arte e o de uma vida independente e livre.

Livre! Esta é uma boa palavra para definir o homem e o artista, livre para inventar uma obra de incessantes mudanças, onde é difícil encontrar um estágio de maturidade, ou então muitas e sucessivas maturidades que, no entanto, nunca corresponderam nem geraram qualquer cristalização, ensimesmamento ou autoacademismo, num mundo e numa obra “composta de mudança tomando sempre novas qualidades”.

“Faz figura se és capaz!” Estas palavras de um colega pintor que desde sempre o admirou, Rogério Ribeiro, funcionam como um desafio e uma boa aproximação à constante figurativa na sua obra plástica, onde homens e bichos, retratos e invenções, lendas e mitos, histórias e história, se sucedem, num turbilhão onde sempre há, mais patente ou mais oculta, a necessidade e a presença da figura; onde a pintura, o desenho, o traço, a escrita, a coisa encontrada, tomando figura ganham uma aparente legibilidade. Foi com as figuras que traçou e mais as que escreveu, em muitas páginas límpidas de uma escrita que urge ler ou reler, que Pomar fez figura, e foi capaz e... é capaz agora e sempre, para proveito e prazer meu e de muita gente mais.